

Editorial (n. 51)

Cecilia Salles: Da crítica genética à teoria crítica dos processos de criação

A Revista Manuscritica junta-se, com esta edição especial, às comemorações dos 30 anos de contribuições de Cecilia Salles à área dos Processos de Criação e ao desenvolvimento da Teoria Crítica dos Processos de Criação, fruto da busca da autora por caminhos teóricos em integração com as práticas.

Entre os inícios desta teoria – pelos quais começaremos este Editorial, como um modo de trazer os marcos desta comemoração – estão a defesa da tese “Uma criação em processo: Ignácio de Loyola Brandão e Não verás país nenhum” (1990), a fundação do Centro/Grupo dedicado ao estudo dos Processos de Criação na PUC-SP (1992) e a publicação do livro “Gesto inacabado: Processo de criação artística” (1998).

É especial a escolha por mais de um início para abordar um percurso que é contínuo e que também vem de outras buscas anteriores. Três inícios que se alimentaram um do outro, e de outros antes deles, são o nosso modo material de trazer à tona a teoria de Salles também para as escolhas de composição deste Editorial. Escrito por dois ex-orientandos (se ser ex, neste caso, for possível) e que abraçaram a teoria de Salles em seus modos de viver a arte, a ciência e as criações em grupo, gostaríamos antes de destacar como esta reunião de trabalhos é especial e agradecer imensamente àqueles que com ela contribuíram.

Reúnem-se aqui contribuições de novos e antigos orientandos de Cecilia Salles ao longo desses mais de 30 anos, no Programa de Comunicação e Semiótica da PUC-SP, no Programa de Literatura e Crítica Literária da PUC-SP e no Mestrado em Processos de Criação da Universidade do Algarve, além de professores e investigadores de outras instituições que tiveram contato com a obra da teórica e que enviaram contribuições. Artistas e estudiosos dos processos de criação nas mais diversas áreas, espalhados em vários lugares do Brasil e do mundo, e que aqui se revelam na intercessão dos processos de criação e no diálogo com a teoria de Salles. A “rede de criação” de que fala Salles (2006) tem nesta edição comemorativa um belo recorte materializado.

Dito isso, passamos aos três inícios que marcam esta comemoração. Conforme contou-nos¹ Cecília Salles, os primeiros passos deste percurso, e que a levaram ao tema da sua tese, foram estimulados inicialmente por questionamentos diante da experiência do ensino da escrita em inglês nas aulas de redação, ministradas quando então professora de inglês, e assunto sobre o qual se detivera anos antes no mestrado. Ela havia concluído o mestrado sobre o assunto e estava insatisfeita sobre as conclusões, que não respondiam àquele que era seu verdadeiro questionamento: “como os textos são escritos?”.

Diante de um pensamento excessivamente estruturalista da escrita, que marcava a formação no campo da Linguística naquele período no Brasil (anos 80/90), Salles se perguntava como os textos eram realmente escritos por aqueles que têm a escrita como profissão e lida diária, como era o caso do seu vizinho, o escritor Ignácio de Loyola Brandão, em cujo processo de criação para o livro *Não verás país nenhum* Cecília Salles mergulhou em sua investigação de doutorado.

A tese “Uma criação em processo: Ignácio de Loyola Brandão e *Não verás país nenhum*” foi concluída em 1990. Durante o encontro com Loyola e com seu processo de escrita, Salles deparou-se com uma diversidade de linguagens (mapas, músicas, filmes, fotografias, recortes de jornais e revistas etc.) que acompanhavam o processo de escrita de Loyola. Uma miríade de materiais diversos que lembravam como também o pensamento em criação é ele mesmo semiótico e não limitado a uma só linguagem.

Assim como o próprio pensamento humano, também o pensamento em criação é (trans)semiótico e atravessado por linguagens diversas. Ainda que o objetivo fosse a escrita de um livro, Salles percebeu, com os arquivos de Loyola em mãos, que estava diante de índices materiais do pensamento em criação – e que esses eram explicitamente (trans)semióticos. Salles foi então direcionada por sua orientadora na Linguística da PUC-SP a procurar a Profa. Lúcia Santaella no Programa de Comunicação e Semiótica da mesma instituição, para ajudá-la com o estudo daqueles materiais sob o enfoque, também, da Semiótica.

O interesse pelos arquivos da criação, que havia levado Salles a buscar a Crítica Genética francesa no âmbito do estudo dos manuscritos na Literatura, em desenvolvimento no Brasil principalmente por meio da Universidade de São Paulo (USP), levou-a, também, a uma aproximação com a Semiótica (especialmente a peirceana) e ao Programa de Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), motivada pela diversidade material dos arquivos estudados e pelo trânsito entre linguagens percebido nesses materiais.

Em 1992, Cecília Salles, com o doutorado defendido e então professora do Programa de Comunicação e Semiótica da PUC-SP, fundou o Centro de Estudos em Crítica Genética, precursor do atual Grupo de Pesquisa em Processos de Criação da PUC-SP, que, naquele momento, trazia na escolha do nome a referência à Crítica Genética, metodologia dos estudos de criação, elaborada inicialmente a partir da análise de registros e arquivos de escritores sob a guarda do *Institut des Textes et Manuscrits Modernes* (CNRS/França), especialmente a

¹ Os editores desta edição, Wagner de Miranda, Paula Martinelli e Patrícia Dourado, são colaboradores do Grupo de Pesquisa em Processos de Criação da PUC-SP, coordenado por Cecília Salles, e alguns dos dados trazidos para este Editorial, como este a respeito do interesse da teórica por como os textos são escritos, enquanto ainda lecionava aulas de redação em inglês, foram trazidos por Salles em conversas durante as reuniões do Grupo.

partir de 1962, com a chegada dos arquivos do escritor Marcel Proust para guarda no Instituto.

O Centro/Grupo, fundado por Cecília Salles na PUC-SP, onde Salles é professora desde então, no entanto, reunia alunos de formações e interesses bastante diversos, entre Artes Visuais, Cinema, Artes Cênicas, Literatura, Arquitetura, Design, Jornalismo, Publicidade etc., com interesses particulares pelo estudo dos Processos de Criação e que tiveram essa particularidade como o fator que os uniu na Linha de Pesquisa do programa dedicada aos Processos de Criação. Este contexto marcou a tendência de Salles e do Centro/Grupo ao estudo dos Processos de Criação em sentido amplo e em áreas diversas, o que levou, mais tarde, à mudança para o atual nome de Grupo de Pesquisa em Processos de Criação².

Junto à diversidade de linguagens e áreas de interesse, também a tendência ao estudo de arquivos contemporâneos (desde o início, os principais materiais estudados por Salles e pelo Centro/Grupo) constituíram características da teoria de Salles e dos trabalhos desenvolvidos no Centro/Grupo desde então.

O livro *Gesto inacabado: Processo de criação artística*, outro dos marcos iniciais deste percurso de contribuições de Cecília Salles ao campo dos Processos de Criação e ao desenvolvimento da Teoria Crítica dos Processos de Criação, comemorados neste número, foi publicado em 1998.

Neste livro inaugural da teoria de Salles, elaborada a partir da observação e do olhar geral para uma vasta coleção de arquivos nas diversas áreas e campos da criação artística, alguns conceitos semióticos (peirceanos), como o da ação contínua (sinequismo), do trajeto com tendência (causação final) e da falibilidade (continuum de incertezas), estavam no cerne da reflexão sobre os processos de criação.

Diferentemente da tese de Salles, no livro *Gesto Inacabado* os termos peirceanos foram substituídos por termos principalmente do cotidiano da vida de artistas com os seus processos. A relação com a semiótica peirceana, no livro, ficou principalmente na base da reflexão, de maneira implícita. Isso foi pensado principalmente, segundo a autora³, como um modo de não afastar o leitor do que de fato era o assunto do livro: a busca por uma abordagem ampla para os processos de criação, acessível a artistas, pesquisadores e ao público em geral.

Em 2013, na 6ª edição do *Gesto Inacabado*, publicada pela editora Intermeios, Salles acrescentou um Posfácio, intitulado "A criação como processo semiótico", para aqueles interessados em perceber as bases semióticas da teoria da criação de Salles, que teve na semiótica de Charles S. Peirce uma de suas bases, e que segue em construção desde então⁴.

Assim como os processos de criação que tem sido o foco (o objeto vivo e dinâmico) da teoria de Cecília Salles ao longo dos anos, pensada-junto com os artistas que

2 A mudança para a nomenclatura "Grupo de Pesquisa" veio por ser a adotada pela identificação nos diretórios do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

3 Conforme comentado por Cecília Salles em encontros do Grupo de Pesquisa em Processos de Criação.

4 Além da semiótica de Charles S. Peirce, também Vincent Colapietro com o olhar para o sujeito semiótico; Edgar Morin e Pierre Musso quanto ao pensamento complexo e em rede; e Yuri Lotman e a semiótica da cultura estão na base da construção da teoria de Cecília Salles ao longo dos anos.

investiga, os alunos e orientandos que acompanha e os estudos acolhidos pelo Grupo, também a teoria de Salles busca ser viva e dinâmica, como seus objetos de interesse (os processos de criação), mantendo-se com isso em permanente construção. Isso é sem dúvida uma importante característica da abordagem de arquivos e da teoria da criação de Salles, que carrega o vivo e o mutável em seu cerne, e que está permanentemente em alimentação e diálogo com o mundo, como desafio e estímulo para a construção de uma teoria que carrega também em si aquilo que caracteriza o movimento criador que investiga: a construção, a busca e a efervescência apesar da consciência da falibilidade (e exatamente por isso).

Nesta edição comemorativa, as contribuições são de inestimável diversidade de olhares que, juntos, esperamos, possam dar àqueles que se interessam pelo tema uma perspectiva ampla dos caminhos possíveis que vêm sendo trilhados por Cecília Salles no campo dos Processos de Criação nas últimas década e por todos aqueles que com ela e com sua teoria tem dialogado. Uma teoria em permanente construção, alimentada pelo pensar-junto e pela experimentação contemporânea.

Já no Prelúdio desta edição, Camila Mangueira, em "Cecília Salles em ação: Refletindo sobre os documentos processuais de uma teoria da criação", mergulha de maneira inaugural nos arquivos de Cecília Salles, quando pesquisadora em formação, durante o desenvolvimento da tese de doutorado (1986-1990) sobre o processo de criação do escritor Ignácio de Loyola Brandão. Mangueira traz importantes contribuições para a valorização dos arquivos da teórica e oferece luzes sobre os caminhos da crítica e da teoria que vieram a ser desenhados a partir dali por Salles, um convite àqueles que desejam se aprofundar nas primeiras questões que levaram Salles ao estudo dos Processos de Criação e à construção da Teoria Crítica dos Processos de Criação.

Na seção Ateliê, que traz os artigos que dialogam com o dossier temático da edição, temos importantes contribuições da Literatura, com os artigos de Cristina Paiva, Karen Lemes, Beatriz Amaral e Carmen Negreiros.

Cristina Paiva traz, em "Escola Dinâmica de Escritores de Mario Bellatin: Rede de criação coletiva em escrita literária", um olhar sobre a escola de escritores criada e dirigida pelo escritor peruano-mexicano Mario Bellatin na Cidade do México e faz isso sob o enfoque da Crítica de Processos de Criação de Cecília Salles, incorporando em sua dinâmica o imprevisto, o acaso e a não-linearidade, lendo a própria escola como uma grande rede em construção, conforme os conceitos de Salles sobre a criação em rede e as relações que acompanham o desenvolvimento dos processos de criação.

Karen Lemes, em "Traduzir poesia ou a poesia do traduzir", estuda como o elemento rítmico, considerado essencial e de análise indispensável nos estudos do verso poético, também aparece como preocupação concreta de quem escreve e traduz prosa. Faz isso em diálogo com a Teoria Crítica dos Processos de Criação de Salles, de modo a olhar para a tradução literária como um ato de criação que estabelece continuidade em relação ao seu texto fonte.

Beatriz Amaral, em "Confluências e ressonâncias da Teoria Crítica dos Processos de Criação de Cecília Salles nas trilhas da literatura: Relato sobre Encadeamentos", aborda a ressonância da Teoria Crítica de Processos de Criação de Salles na atividade de artistas e de pesquisadores, com foco, para este estudo, na pesquisa de Anna Luiza Campanhã de Camargo Arruda sobre o livro Encadeamentos

(poesia), de Beatriz Amaral, e desta, por sua vez, em uma segunda dobra da criação, sobre a produção literária de Edgard Braga e Paulo César Pinheiro, no diálogo entre música e poesia. Com isso, a autora (poeta e investigadora) traz-nos à tona sua rede de criação (artística e crítico-ensaística) no diálogo com os conceitos da teoria de Salles.

Carmen Negreiros, com "De retalhos e redes se faz um romance: A criação em Lima Barreto", traz um estudo dos cadernos do escritor Lima Barreto, por ele chamados de Retalhos, como um local de armazenamento e de experimentação. A autora delinea aspectos da criação de Lima Barreto para o romance Triste Fim de Policarpo Quaresma no diálogo com o contexto de produção do escritor. Os estudos de Cecilia Salles sobre o tempo e o espaço de criação em que o artista está imerso são alguns dos pontos trazidos por Negreiros para sua análise dos arquivos.

Temos também contribuições das Artes Cênicas, do Cinema e das Artes Visuais e de suas interrelações, com os autores e autoras Kenia Dias, Diogo Simão, Daniela Smith, Mariana Carlin, e concluímos as contribuições do Ateliê com uma abordagem poética da teoria de Cecilia Salles no cruzamento com as Narrativas Mitológicas, trazida por Elisa Bueno e Joedy Bamonte.

Kenia Dias, em "Nós-em-obra, em-fluxo, em-incorporação, a partir de fragmentos dos diários de montagem do espetáculo Nós do Grupo Galpão (MG) e da Prática Aisthesis (DF), explora os processos de criação em artes cênicas. A pesquisadora propõe uma análise processual, dinâmica, móvel, que não se resume à preservação de informações, considerando a complexa relação e mobilidade entre obra e processo, baseada nos estudos de criação em rede realizados por Cecilia Salles.

Diogo Simão, em "*Cinema, theater and Covid-19: the creative process of 'Even though it is night'*", aborda o processo de criação em grupo do curta-metragem '*Even though it is night*', realizado nas minas de sal de Loulé (Algarve, Portugal), durante a pandemia Covid-19. Simão reuniu para este estudo, além do seu relato como diretor do filme, também um rico material de arquivo da equipe com quem desenvolveu o projeto, que se deu principalmente por via on-line e que gerou uma diversidade de pastas e materiais de arquivos durante o processo. A experimentação diante do contexto restritivo, o convite à escrita partilhada e o diálogo com as práticas teatrais são alguns dos pontos trazidos por Simão para este artigo, sob o enfoque processual da abordagem de Salles.

Daniela Smith, em "A matriz geradora, o embrião ampliado e os múltiplos fios dramaturgicos no cinema de Pedro Almodóvar", examina as tramas dramaturgicas que constroem o projeto poético de Almodóvar, considerando os procedimentos que expressam o seu pensamento diante da prática como roteirista e diretor, refletindo sobre seus processos de criação com enfoque nas relações entre autoria e comunicação. A análise se baseia nas teorias de Cecilia Salles sobre processos de criação e em entrevistas do diretor.

Mariana Carlin, em "Criação e subjetividade no processo de construção do artista Maxwell Alexandre", mergulha na experimentação contemporânea ao observar as redes sociais como plataforma de arquivos e refletir sobre alguns dos efeitos ocasionados pela modalidade on-line de produção e compartilhamento de práticas artísticas.

Edson Pfitzenreuter e Laís Guaraldo, em “Pesquisa em Arte e Crítica de Processo: contribuições de Cecília Salles para as poéticas visuais”, destacam a importância da visão não linear dos processos de criação – característica da obra de Salles – para a elaboração de documentos memoriais que acompanham trabalhos artísticos produzidos como trabalho final de cursos de graduação e pós-graduação em Artes Visuais, na área de Poéticas. A reflexão trazida pelos autores posiciona a obra da teórica como um mapa que pode indicar critérios para que orientadores e orientandos reconheçam algumas das relações que alimentam o percurso criativo.

Elisa Bueno e Joedy Bamonte, em "Cortejando medusa ou uma abordagem poética da teoria crítica dos processos de criação em artes", investigam a substância simbólica dos arquivos de criação a partir de uma leitura que dialoga com cenas mitológicas - afinal, arquivos e mitos compartilham da mesma potência geradora.

Na seção Facsímile, temos um arquivo de suma importância para os que se interessam pelo processo de desenvolvimento da Crítica dos Processos de Criação: uma das correspondências enviadas por Ignácio de Loyola Brandão a Cecília Salles, em 1988, por ocasião da leitura da primeira versão da tese “Uma criação em processo: Ignácio de Loyola Brandão e Não verás país nenhum” (SALLES, 1990). Este material é apresentado e discutido por Paula Martinelli, sob o título “O contemporâneo não me assusta”, em referência à fala de Salles, e inclui ainda duas páginas da versão original da tese, que complementam a discussão teórica dos arquivos.

Por fim, temos ainda a seção *Incipit*, com contribuições fora do dossiê temático com os artigos de Philippe Willemart e Carmen-Ecaterina Ciobaca. Philippe Willemart, em "Os processos de criação decorrentes da Crônica de Nuremberg e da Gravitação Quântica em Laços (GQL)", apresentando uma interessante reflexão em três partes. Na primeira, o autor compara alguns aspectos dos processos de criação na Crônica de Nuremberg com as descobertas da gravidade quântica em laços. Na segunda, o autor analisa o segundo relato da criação de Gênesis com Vilém Flusser mediado por Pfitzenreuter-Spinelli, enfatizando a contradição entre a improbabilidade e a quantidade de informações nas criações divina e artística ou literária, confrontando-as com as respostas do ChatGPT. Na terceira e última parte, o autor lembra a possível confusão entre a criação artística e a invenção da arte pela inteligência artificial, destacando as diferenças e propondo a cooperação entre as duas instâncias com o auxílio da roda da escritura.

Carmen-Ecaterina Ciobaca, em "*Penser l'impensé: traduire Meschonnic*", traz uma importante reflexão a partir do processo de traduzir para o romeno textos do francês Henri Meschonnic, poeta, tradutor e teórico da tradutologia. O percurso escolhido por Ciobaca revela minúcias do processo de tradução e faz isso com uma instigante dobra sobre si mesmo, ao abordar, pelo viés do processo, o modo de pensar e de criar de um tradutor.

Que esta seja uma das muitas comemorações por vir e que os marcos da teoria de Salles, assim como os seus diálogos e expansões, possam seguir no pensamento contemporâneo a cada linha escrita junto, por todos aqueles que encontraram (e encontrarão), na sua teoria, caminhos por onde pensar o engenhoso fazer humano, em suas tantas dobras e camadas, inclusive aquelas ainda por criar. Que ler Salles e seus muitos interlocutores, possa ser, aos artistas, pesquisadores e ao público em geral, também um convite ao criar-junto, como foi

aos que contribuíram com esta edição e que tornaram esta reunião de textos possível.

Wagner Miranda Dias (Centro Universitário Belas Artes / Universidade do Algarve)

Patrícia Dourado (CIAC-Universidade do Algarve)

Editores

Referências

COLAPIETRO, Vincent. **Peirce e a abordagem do self: uma perspectiva semiótica sobre a subjetividade humana**. São Paulo: Intermeios, 2014.

FERRER, Daniel. *"A crítica genética do século XXI será transdisciplinar, transartística e transemiótica ou não existirá"*. In: Willemart, Philippe. (Org.) **Fronteiras da criação: VI Encontro Internacional de Pesquisadores do Manuscrito**. São Paulo: Annablume, 2000.

KANDINSKY, Wassily. **Do espiritual na arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

SALLES, Cecilia. **Da crítica genética à crítica de processo: uma linha de pesquisa em expansão**. *SIGNAL: Estud. Ling., Londrina*, n. 20/2, p. 41-52, ago. 2017.

SALLES, Cecilia. **Crítica genética: uma introdução**. 1ª ed. São Paulo: Educ, 1992.

SALLES, Cecilia. **Crítica genética: uma nova introdução**. 2ª ed. São Paulo: Educ. 2000.

SALLES, Cecilia. **Crítica genética: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística**. 3ª ed. São Paulo: Educ, 2008.

SALLES, Cecilia. **Redes da criação: construção da obra de arte**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2006.

SALLES, Cecilia. **Gesto inacabado: processo de criação artístico**. 5ª ed. São Paulo: Intermeios, 2011.

SALLES, Cecilia. **Processo de produção de conhecimento juntos: grupo de pesquisa em processo de criação**. *Revista Farol*, v. 18, n. 27, p. 90-97, 2023.

SALLES, Cecilia. **Uma criação em processo: Ignácio de Loyola Brandão e Não verás país**. Tese de Doutorado. Programa de Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1990.

EDITORES DO DOSSIÊ

Wagner Miranda Dias
(Centro Universitário Belas Artes / Universidade do Algarve)
Patrícia Dourado
(CIAC-Universidade do Algarve)

DIAGRAMAÇÃO

Matheus Sanches

ILUSTRAÇÕES

Capa: Patrícia Dourado
Fotografia de capa: Camila Manguiera

EQUIPE EDITORIALEditores-chefes

Edson do Prado Pfüzenreuter
(Universidade Estadual de Campinas)

Claudia Amigo Pino
(Universidade de São Paulo)

Editores-executivos

Patricia Kiss Spineli
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

Aline Novais de Almeida
(Universidade de São Paulo)

Katerina Blasques Kaspar
(Universidade de São Paulo)

Giovani T. Kurz
(Universidade de São Paulo)

Leonardo Cavalcante Mendes
(Universidade de São Paulo)

Wagner Miranda Dias
(Centro Universitário Belas Artes / Universidade do Algarve)

Thiago Leão Antunes
(Universidade de São Paulo)

Lea Hafter
(Universidad Nacional de La Plata)

Manuscrita é uma publicação da Associação dos Pesquisadores em Crítica Genética (APCG) e da Pós-Graduação em Letras Estrangeiras e Tradução (LETRA) da Universidade de São Paulo.

E-mail: manuscritica@usp.br

Portal da revista: www.revistas.usp.br/manuscritica

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Programa de Pós-Graduação em
Letras Estrangeiras e Tradução
Coordenadora da Pós-Graduação: Mona Hawi
Vice-coordenadora: Eliane Lousada

DIRETORIA APCG

Presidente - Edson do Prado Pfüzenreuter (Unicamp)
Vice-presidente - Patricia Kiss Spineli (PUC-SP)
Membro honorário da APCG - Lea Hafter (UNLP)
Secretária-Geral - Katerina Blasques Kaspar (USP)
Tesoureiro - Giovani Kurz (USP)
Secretária de divulgação - Aline Novais de Almeida (USP)
1º suplente: Wagner Miranda Dias (Belas Artes/UAIG)
2º suplente: Thiago Leão Antunes (USP)
3º suplente: Lueldo Bezerra Teixeira (UESPI)

CONSELHO EDITORIAL

Alicia Duhá Lose
(Universidade Federal da Bahia)
Aline Novais de Almeida
(Associação de Pesquisadores em Crítica Genética)
Aparecido José Cirillo
(Universidade Federal do Espírito Santo)
Aurèle Crasson
(Institut des textes et manuscrits modernes)
Cecília Almeida Salles
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)
Carla Cavalcanti e Silva
(Universidade Estadual Paulista)
Claudia Amigo Pino
(Universidade de São Paulo)
Edson do Prado Pfüzenreuter
(Universidade Estadual de Campinas)
Erica Durante
(Brown University)
Graciela Goldchluk
(Universidad Nacional de La Plata)
Josette Monzani
(Universidade Federal de São Carlos)
Lea Hafter
(Universidad Nacional de La Plata)
Mabel Meira Mota
(Universidade Federal da Bahia)
Márcia Ivana Lima e Silva
(Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
Márcia Edlene Mauriz Lima
(Universidade Estadual do Piauí)
Maria Eunice Moreira
(Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)
Maria da Luz Pinheiro de Cristo
(Universidade Federal do Espírito Santo)
Maria Soledad Falabella
(Universidad de Chile)
Max Hidalgo Nácher
(Universitat de Barcelona)
Miguel Rettenmaier
(Universidade de Passo Fundo)
Moema Rodrigues Brandão Mendes
(Centro Universitário Uni Academia.
Fundação Casa de Rui Barbosa)
Mônica Gama
(Universidade Federal de Ouro Preto)
Patricia Kiss Spineli
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)
Paolo D'Iorio
(Institut des textes et manuscrits modernes.
École normale supérieure de Paris)
Philippe Willemart
(Universidade de São Paulo)
Rosa Borges
(Universidade Federal da Bahia)
Sérgio Romanelli
(Universidade Federal de Santa Catarina)
Sílvia Maria Guerra Anastácio
(Universidade Federal da Bahia)
Telê Ancona Lopez
(Universidade de São Paulo)
Viviane Araújo Alves da Costa Pereira
(Universidade Federal do Paraná)